

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?

Índice

1. Objectivos do trabalho
2. Origens controversas dos povos celtas
3. Os celtas e os autores greco-latinos
- 4- Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha

“Os mitos seriam assim explicações da origem do mundo e da sua formação, a partir de um estado de desordem, da mistura ilimitada de elementos, de lodo, de noite ... Desse modo, o mito pode ser considerado uma narrativa acerca da origem do mundo, incluída na ordenação dos contos que começa “era uma vez.”¹

1- Objectivos do trabalho

Muito se pode especular sobre a origem do nome "Celta", e muitos países reclamam uma origem celta para os seus mitos de origem da nacionalidade. A Escócia, a Irlanda, a França, a Bélgica, Portugal e Espanha reclamam para si o epíteto de “herdeiros dos celtas” celebrando a celticidade com festivais de folclore, música inter-céltica, congressos celtas, movimentos pan-célticos, etc. A Liga Céltica, baseando-se em semelhanças linguísticas, reconhece apenas “seis nações celtas”, as regiões – franja a oeste europeu, localizadas na Bretanha, Escócia, Irlanda e Gales, a Cornualha e a Ilha de Man, recusando a denominação de celta à Galiza, e outras regiões da Península Ibérica. Nas livrarias e espaço internauta, pululam livros, sites, blogues, sobre os povos celtas acrescentando-lhes, por vezes, uma áurea mística, outras vezes, nacionalista e de cariz racista. O meu objectivo é dar a conhecer mitos celtas, da Península Ibérica, primordialmente sobre mitos e religião dos Lusitanos, que estariam na origem da nação portuguesa, e sobre mitos insulares, da Grã-Bretanha e, em certa medida, da Irlanda, que possam ser associados, afiliados como tendo a mesma origem com base em novas e velhas teorias científicas.

¹ José Ribeiro Ferreira, *Mitos das Origens, Rios e Raízes*, Col. Fluir Perene (Ed. Do autor), tiragem 150 livros, Coimbra 2008

2. Origens controversas dos povos celtas

No dicionário *Priberam da Língua Portuguesa*,

celta: 1. Diz-se do habitante da Céltica, parte da antiga Gália 2. Dos celtas. 3. Idioma dos celtas.

celtas 4. Povo de origem indo-europeia, que habitava vasto território, desde a actual Turquia, até à actual Grã-Bretanha.²

Já na *Infopedia, dicionário online da Porto Editora*, celta (Do lat. *celta-*, «celta») é sinónimo de,

1. Referente aos Celtas, 2. Pessoa pertencente aos Celtas³

Mas quem foi ou foram estes povos ainda hoje indutores de uma mística e mistério únicos? Qual a sua proveniência? Será que podemos uniformizar numa definição única este povo que ainda hoje nos deixa fascinados? A incerteza sobre a sua origem deriva da sua complexidade e diversidade, da mescla contínua de culturas e etnias. Tentarei responder a estas questões, apoiada na **linguística, na antropologia, na arqueologia, na genética e na história**, através de autores greco-romanos da Antiguidade.

De um modo geral, “Celta” é a designação dada a um conjunto de povos e tribos da família linguística indo-europeia, proveniente de descendentes dos agricultores danubianos neolíticos e de pastores oriundos das estepes que se espalhou pela maior parte do noroeste da Europa a partir do segundo milénio a.C. e cujo domínio abarcava desde a Península Ibérica, a Irlanda e Inglaterra, até à Ásia Menor, onde são conhecidos como Gálatas. Identificamos como celtas as tribos dos **bretões, gauleses, escotos, eburões, batavos, belgas, gálatas, trinovantes, caledónios, celtiberos, lusitanos**, entre outras, que originaram o nome de províncias romanas na Europa, e conseqüentemente alguns dos estados-nação medievais e modernos.

Em **arqueologia**, através de achados arqueológicos, marcas toponímicas, vestígios epigráficos e fluxo migratório determinou-se que os povos da Europa Continental, da

² [tp://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=l%u00edngua+celta](http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=l%u00edngua+celta)

³ <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa-ao/Celtas>

³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_de_Hallstatt

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

Irlanda e das Ilhas Britânicas partilham uma cultura material e um estilo de arte específico associadas a dois períodos distintos, o de **Hallstatt** e o de **La Tène**. O primeiro, o da cultura **Hallstatt**, que se estende de aproximadamente 1200 a.C. até cerca de 500 a.C., e é dividida pelos arqueólogos em quatro fases:

1. Hallstatt A e B – a Idade do Bronze tardia (1200 – 800 a.C.), **2. Hallstatt C** - início da Idade do Ferro (800 – 600 a.C.) com as primeiras espadas de ferro. **3. Hallstatt D**- com adagas encontradas em túmulos que vão de 600 – 500 a.C. Existem também diferenças na cerâmica e em obras de arte e joalharia elaborada, de bronze e ouro, e estelas de pedra. A zona cultural oriental de Hallstatt, incluía a Croácia, Eslovénia, Hungria, Áustria, Morávia e Eslováquia, e distinguiu-se de uma zona cultural ocidental que inclui o norte da Itália, Suíça, França, Alemanha e Boémia que se teria expandido através de migrações para a parte ocidental da Península Ibérica, Grã-Bretanha e Irlanda e cuja língua base linguística comum seria o celta, próximo do indo-europeu. Deu-se a este ramo o nome de goidélico/ gaélico, ou de celtas com Q pois conservaram, tal como no latim, o som Q indo-europeu primitivo.

2. O **segundo** período migratório, ocorreu com a cultura denominada **de La Tène**, surgido a partir da antiga cultura de Hallstatt, e desenvolvido durante a Idade do Ferro tardia, de 450 a.C. até à conquista romana, no século I a.C., na França, Suíça, Áustria, Alemanha, República Checa e Hungria e usufruiu de uma valiosa influência mediterrânea da Grécia antiga, e da civilização etrusca. Estes povos, formados por pequenas tribos independentes umas das outras, ocuparam a planície do Pó (Gália Cisalpina) e o noroeste da Península Ibérica, e formaram nos Balcãs o reino da Galateia, celtizando as populações autóctones, ensinando a língua, transmitindo os costumes e a religião, comum, o druidismo. Algumas das sociedades que são arqueologicamente identificadas com a cultura La Tène foram identificadas por autores gregos e romanos do século V a.C. em diante, como *keltoi* e *galli*.

Recentemente, em 2004, **estudos genéticos** realizados por Daniel Bradley, do Trinity College de Dublin, vieram levantar ainda mais questões ao afirmar que os laços genéticos entre os habitantes de áreas célticas de Gales, Escócia, Irlanda, Bretanha e Cornualha são muito fortes e de que, de entre todos os demais povos da Europa, os traços genéticos mais

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

próximos destes se localizam na Península Ibérica. Daniel Bradley propõe, de igual modo, uma origem anterior de pelo menos 6000 anos para as comunidades da costa do Atlântico. Os grupos migratórios que deram origem aos povos celtas do noroeste europeu teriam saído da costa atlântica da península Ibérica, e não da Europa central e danubiana, como apregoavam os arqueólogos, nos finais da última Idade do Gelo⁴ e ocupado as terras recém - libertadas da cobertura glacial no noroeste europeu, expandindo-se depois para as áreas continentais mais distantes do mar.⁵

O geneticista Bryan Sykes confirma esta teoria no seu livro *Blood of the Isles* (2006), a partir de um estudo efectuado em 2006 pela equipa de geneticistas da Universidade de Oxford, com amostras de ADN recolhidas de 10.000 voluntários do Reino Unido e Irlanda, permitindo concluir que os celtas que habitaram estas terras, escoceses, galeses e irlandeses, eram descendentes dos celtas da Península Ibérica que migraram para as ilhas Britânicas e Irlanda entre 4.000 e 5.000 a. C, comprovando assim as teorias de Bradley.⁶

“The Celts of Ireland and the Western Isles are not, as far as I can see from the genetic evidence, related to the Celts who spread south and east to Italy, Greece and Turkey from the heartlands of Hallstadt and La Tene...during the first millennium BC...The genetic evidence shows that a large proportion of Irish Celts, did arrive from Iberia at or about the same time as farming reached the Isles. (...).”

Outro geneticista da Universidade de Oxford, Stephen Oppenheimer, corrobora esta teoria no seu livro *"The Origins of the British"* (2006). Estes estudos levaram também à conclusão de que os primitivos celtas tiveram a sua origem não na Europa Central, mas entre os povos que se refugiaram na Península Ibérica durante a última Idade do Gelo. Estudos feitos na Universidade do País de Gales defendem que as inscrições encontradas

⁴ A era do gelo refere-se ao mais recente período mais frio com extensos mantos de gelo sobre a América do Norte e Eurásia: neste sentido, a era do gelo mais recente atingiu o seu ponto alto durante o último máximo glacial há cerca de 20 000 anos. http://pt.wikipedia.org/wiki/Era_do_gelo

⁵ " Early historians believed the Celts - thought to have come from an area to the east of modern France and south of Germany - invaded the Atlantic islands around 2 500 years ago. But archaeologists have recently questioned that theory and now Bradley, from Trinity College Dublin, and his team, say DNA evidence supports their thinking. Affinities don't point eastwards to a shared origin. Geneticists used DNA samples from people living in Celtic nations and compared the genetic traits with those of people in other parts of Europe. The study showed people in Celtic areas: Wales, Scotland, Ireland, Brittany and Cornwall, had strong genetic ties, but that this heritage had more in common with people from the Iberian Peninsula."What we would propose is that this commonality among the Atlantic facade is much older... 6000 years ago or earlier," Bradley told Reuters. He said people may have moved up from areas around modern-day Portugal and Spain at the end of the Ice Age. The similarities between Atlantic "Celts" could also suggest these areas had good levels of communications with one another, he added.<http://www.freerepublic.com/focus/news/1211427/posts>

⁶ http://en.wikipedia.org/wiki/Bryan_Sykes

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

em estelas no sudoeste da Península Ibérica demonstram que os celtas do País de Gales vieram do sul de Portugal e do sudoeste de Espanha.⁷

“And what of the Celts we know – the Irish, Scots and Welsh? Scholars have traditionally placed their origins in Iron Age Central Europe, but Oppenheimer’s new data clearly show that the Welsh, Irish and other Atlantic fringe peoples derive from Ice Age refuges in the Basque country and Spain. They came by an Atlantic coastal route many thousands of years ago, though the Celtic languages we know of today were brought in by later migrations, following the same route, during Neolithic times.”

E é com base nestas ideias da ciência genética, que aparentemente contrariam a versão oficial da arqueologia e da história, que me proponho decompor, de um modo genérico, alguns aspectos religiosos e míticos, que seriam apanágio comum dos povos celtas, em causa, não sem primeiro avivar a concepção dada pelos autores greco-romanos da Antiguidade.

3. Os celtas e os autores greco-latinos

Para os **diversos autores, gregos e romanos**, os celtas foram identificados como **celtae** ou povos que habitavam a Europa Continental e não a Bretanha ou a Irlanda. Até à época de César, os antigos confundiram os celtas com os Germanos. Já os celtas da Irlanda e das ilhas Britânicas, não eram designados por celtas, nem pelos romanos nem por si próprios, mas sim de **Hiberni** (hibérnios) e **Britanni** (bretões), respectivamente, e só começaram a ser chamados de celtas no século XVI. Sintetizando, os romanos e os gregos classificavam-nos de três modos distintos:

1. **celtas** (em latim Celtae, em grego Κελτοί, transl. Keltói);
2. **gálatas** (em latim galatae, em grego Γαλάται, transl. Galátai);
3. **galos ou gauleses** (latim gallai, galli; grego Γάλλοί, transl. Galloí).

No século VI a. C. o historiador grego Hecateu de Mileto, em 517 a.C., fez a primeira referência literária aos Celtas (Κελτοί), referindo a origem da costa da Ligúria como

⁷ http://www.bradshawfoundation.com/stephenoppenheimer/origins_of_the_british.html

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

“Keltiké”.⁸ No século V a. C. Heródoto de Halicarnasso, o “pai da História” para Cícero, e primeiro prosador a usar narrativas históricas em *Histórias*, localizava os celtas para além dos Pilares de Hércules sendo vizinhos dos cónios, habitantes das regiões do Algarve e Baixo Alentejo, no sul de Portugal, em data anterior ao séc. VIII a.C., até serem integrados na Província Romana da Lusitânia e, citando:

“O rio Ister nasce na terra dos Keltói na cidade de Pyrene e percorre o centro da Europa. Os Keltói vivem além das colunas de Hércules, sendo vizinhos dos Kynesioi e são a mais ocidental de todas as nações que habitam a Europa. E assim, se estendem por toda a Europa até as fronteiras da Cítia(Eurásia)”⁹

Para Estrabão de Amaseia, geógrafo grego e contemporâneo de Tito Lívio, já Eratóstenes, astónomo grego do século III a.C, situara os celtas na parte ocidental da Europa,

“Eratóstenes diz que até Gades (Cádiz), o exterior (da Iberia) é habitado pelos gálatas; e se a parte ocidental da Europa é ocupada por eles, esqueceu-se deles na sua descrição da Ibéria, nunca faz menção aos gálatas.... Ephorus, em seus relatos, faz Céltica tão excessiva em seu tamanho, que ele atribui às regiões da Céltica a maioria das regiões, tão longe quanto Gades, no que hoje chamamos península Ibérica”¹⁰

Na sua obra, *Memórias Históricas*, Estrabão, dedica um capítulo à Lusitânia, citando:

"Ao norte do Tejo é a Lusitânia, ocupada pelo povo mais poderoso entre todos os iberos, aquele que manteve, por mais tempo, a guerra contra os romanos. A Lusitânia abrigava diversos povos, que tinham nomes diferentes. Cada um formava uma pequena república, que tinha as suas leis, seus usos e costumes. É ocupada por cerca de 50 povos diferentes. Os Lusitanos são hábeis em emboscadas e perseguições, ágeis, espertos e dissimulados. (...) Todos estes habitantes da montanha são sóbrios, só bebem água, dormem no chão e usam longos cabelos (...)"¹¹

Já no Século I a.C. Diodoro Sículo refere a diferença das denominações dada aos celtas por romanos:¹²

“E agora, será útil fazer uma distinção que é desconhecida de muitos: Os povos que habitam no interior, acima de Massalia, os das encostas dos Alpes, e os deste lado das montanhas dos Pirinéus são chamados de celtas, ao passo que os povos que estão estabelecidos acima desta terra Céltica, nas partes que se estendem para o norte, ambas ao longo do oceano e ao longo da Montanha Hercinia, e todos os povos que vêm depois

⁸ Hecateu de Mileto acreditava que as terras formavam um disco cercado pelo Rio Oceano e podiam ser divididas em quatro quadrantes determinados pelos mares Mediterrâneo e Negro (oeste-leste) e pelos rios Istros (Danúbio) e Nilo (norte-sul). Para este autor, nada havia a oeste das Colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar) e ao sul de Tartessos (Espanha). Refere que o país celta ficava perto de Massalia (Marselha), uma colónia de comerciantes gregos. Refere-se a Narbona (Narbone) como uma cidade de comércio celta e a Nirax (Noreia, na Áustria) como uma cidade celta.

⁹ Heródoto, II, 33 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Celtas>

¹⁰ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Celtas>

¹¹ <http://imperialromano-marius70.blogspot.com/2005/07/lusitnia-estrabo.html>

¹² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Celtas>

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

destas, tão longe quanto Cítia, são conhecidos como gauleses, os romanos, no entanto, incluem todas estas nações juntando-as debaixo de um único nome, chamando-as de uma, e a todos de gauleses. “

Este autor, que escreveu a primeira biografia conhecida de Viriato, considera os Lusitanos de celtas e deles acrescenta que,¹³

"são os mais fortes entre os iberos", e “os mais valentes de todos os cimbros (ou celtas germânicos)”

Júlio César, pró-consul romano, que relata a conquista militar da Gália, à excepção da *Provincia Narbonensis*, Provença, na sua obra, *De Bello Gallico*, foi o primeiro autor a diferenciar os Celtas dos Germanos, que viviam no Nordeste, pela língua. Comentou que os helvécios, da Suíça e do sul da actual Alemanha, usavam o alfabeto grego para registar o censo da população e que os druidas se recusavam a registar por escrito os seus versos, mas que faziam uso do alfabeto grego para as transacções públicas e pessoais. As populações que viviam no lado direito do Reno, nas terras celtas do Norte, chamavam-se a si próprios Suevos e Germanos. Este autor identificava o território do Canal da Mancha a *Lugdunum* (Lyon), como sendo habitado por celtas ou gauleses. Tito Lívio, na sua obra *História de Roma*, descreve a participação dos Lusitanos como mercenários ao serviço de Asdrúbal, general cartaginês, na guerra contra os romanos e dos Iberos na Segunda Guerra Púnica, devido ao seu carácter “Ágil, belicoso, inquieto”¹⁴

Após a ocupação romana, a Província romana da Lusitânia mantém o nome, mas dos Lusitanos pouco se fala. A maioria das tribos celtas foi assimilada pelos Romanos, preservando muito do seu modo de vida, pese embora, as invasões e aculturação posterior com a cristianização. A romanização efectiva-se a partir do século I a.C., com a conquista da Gália por Júlio César, e da Bretanha, no século I d.C., pelo imperador Cláudio. Apenas as regiões da Irlanda e o norte da Escócia, dos escotos, ficaram de fora da área de influência do Império Romano.

4.A mitologia e a religião celta na Grã-Bretanha e na Península Ibérica

Para o historiador das religiões e filósofo romeno Mircea Eliade (1907-1986), o mito simboliza, e citando,

¹³ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lusitanos>.

¹⁴ http://pt.wikipedia.org/wiki/Invas%C3%A3o_romana_da_pen%C3%ADnsula_Ib%C3%A9rica

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

“a forma mais geral e eficaz de perpetuar a consciência de um outro mundo, de um além, seja ele o mundo divino ou o mundo dos Antepassados. Este “outro mundo” representa um plano sobre-humano, “transcendente”, o mundo das *realidades absolutas*. É da experiência do sagrado, do encontro com uma realidade trans-humana, que nasce a ideia de que qualquer coisa *existe realmente*, que existem valores absolutos, capazes de guiar o homem e de dar um significado à existência humana. É, pois, através da experiência do sagrado que surgem as ideias de *realidade*, de *verdade*, de *significação*, que, mais tarde, serão elaboradas e sistematizadas pelas especulações metafísicas.”¹⁵

A religião celta era politeísta e animista com múltiplas divindades associadas a actividades, fenómenos da natureza e coisas sobrenaturais, e entre os seus rituais haveria cerimónias com sacrifícios humanos. Hoje, pouco se sabe do seu do seu culto para além de alguns nomes de divindades. De acordo com Juliette Wood,

“Os celtas adoravam as forças da natureza e no início não concebiam as divindades em termos antropomórficos. Mais tarde à medida que o Império Romano se expandia, a influência na arte celta tornou-se inconfundível e as imagens de deuses e deusas com forma humana começaram a ser cada vez mais comuns.”¹⁶

Com a romanização, os deuses celtas integraram posteriores deuses romanos num aparente sincretismo religioso e com a ascensão do Cristianismo, a velha Religião celta pagã foi sendo gradualmente abandonada, estando, no entanto, ainda hoje presente em cultos de santos e nas crenças populares assimilados no cristianismo. Os deuses celtas não eram adorados em templos mas sim nos campos e florestas de carvalhos. Embora a coragem dos celtas fosse reconhecida pelo próprio Júlio César, a cultura druida foi perseguida desde a romanização. Mas os druidas imortalizaram-se nos romances dos trovadores medievais, e sua influência ainda se fez sentir em movimentos místicos e contestatários da Idade Média, entre os Cátaros e na Ordem dos Templários.

Também Georges Dumézil, antropólogo e filólogo francês na obra *Le Festin d'immortalité: Étude de mythologie comparée indo-européenne*, baseado nas ideias de Émile Durkheim, estudou a mitologia na tradição indo-europeia (grega, italiana, celta, índica, etc.), e realçou o que considerou ser o carácter tripartido dos sistemas sociais da maioria das sociedades indo-europeias primitivas portador de sentido e da ordem social. De acordo com textos de línguas escandinavas, celtas, gregas, romanas, caucasianas, iranianas e indianas, Dumézil constatou funções semelhantes na vida desses povos em sociedade divididas em três categorias comuns: as soberanas e religiosas (o espiritual), as guerreiras (a força física) e as económicas (a fecundidade), demonstrando que a

¹⁵ <http://revistas.pucsp.br/index.php/kalioppe/article/viewFile/3141/2073>

¹⁶ Juliete Wood, *Os celtas, culturas e civilizações*, 2005, Madrid, Círculo de Leitores, p.28

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

"ideologia tripartida" estrutura a organização sócio-religiosa e as sociedades dos indo-europeus. Esta ideologia reflectia-se na divisão da sociedade celta em três classes: o rei e os nobres, os homens livres e os servos, artesãos, refugiados e escravos, além dos sacerdotes (druidas), e bardos. O clã familiar cultivava terras e apascentava o gado, possuindo conhecimentos de medicina natural, de agricultura, astronomia, música, poesia e filosofia. Para Duzémil existe uma diferença entre a mitologia grega e a romana. Enquanto a primeira fora de carácter sobrenatural e cósmica, a romana foi nacional e histórica. Depois dos autores greco-romanos, os documentos britânicos e irlandeses, e a arqueologia constituem-se como fontes principais da mitologia celta. O isolamento cultural de algumas regiões, que hoje formam o País de Gales e a Irlanda, conservou alguns dos seus mitos e lendas. As narrativas mitológicas celtas na Irlanda são sobretudo orais caso do poema "O Roubo de Gado em Cooley" e do herói irlandês **Cú Chulainn** que enfrenta as forças da rainha Maeve para defender o seu condado. Outra narrativa básica, é a do Livro das Invasões, *Lebor Gabala Erren*, que conta a lenda dos filhos de **Míle Espáine** e o seu trajecto até chegarem à Irlanda. O geneticista Bryan Sykes, chama a atenção para a ligação deste mito irlandês a Espanha e também de outro ligado à Grã-Bretanha, o mito de Brutus...¹⁷

"The connection to Spain is also there in the myth of Brutus.... This too may be the faint echo of the same origin myth as the Milesian Irish and the connection to Iberia is almost as strong in the British regions as it is in Ireland. (...)"

Na mitologia Irlandesa **Míle Espáine**, ou *Milesius*, é antepassado dos habitantes da Irlanda, os "Filhos de Mil" ou Milesianos, que representam os celtas goidélicos.¹⁸ Golam era soldado na Cítia e no Egipto, e após uma profecia de que os seus descendentes iriam governar a Irlanda, partiu para o oeste, e combateu várias batalhas antes de morrer, nunca chegando a ver a Irlanda. Seumas MacManus em *Story of the Irish Race* afirma, sobre esta lenda, que sua esposa Scota, e seu tio Ith, mais tarde, e citando,

"navegaram para a Irlanda onde Ith foi morto pelos Tuatha Dé Danann. Quando o corpo de Ith foi trazido de volta para a Ibéria, os oito filhos de Míle e os nove irmãos de Ith, furiosos, invadiram a Irlanda e derrotaram os Tuatha Dé Danann, embora tempestades criadas pela magia do mítico povo governante da

¹⁷ http://en.wikipedia.org/wiki/Bryan_Sykes

¹⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADle_Esp%C3%A1ine

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

Irlanda tenham tomado a vida da maioria dos filhos de Míle. Míle Espáine figura nas genealogias de John O'Hart, sendo o ancestral comum de todo o povo irlandês.¹⁹

Já o mito de Brutus, está ligado à origem da Grã- Bretanha, e seria um rei fundador, isto baseado no autor anglo-normando do século XII, Geoffrey de Monmouth (na sua *Historia Regum Britanniae*²⁰ e Wace (no seu *Brut*) que apontaram a fundação da Grã-Bretanha à chegada de Brutus de Tróia, filho de Enéias. As tribos celtas do norte da ilha britânica foram designadas de de *picti*, pictos ou “homens pintados” por pintarem o corpo com tatuagens, pelos romanos, o que determinou o nome de Bretanha, como demonstram as palavras usadas para designar esse povo nos idiomas gaélico *cruithne*, e britânico, *pretani*. Os celtas eram aparentados dos gauleses, como se pode ver pelo nome de diversas tribos celtas em ambos os territórios, caso dos Parisi e dos Belgae. Além do mais, a mitologia celta britânica tem algumas semelhanças comuns com as divindades cultuadas nestas regiões do continente. As lendas do Rei Artur, ou Arturianas descritas por estudiosos como “**o principal mito do Ocidente**” constituem-se em complexas versões de várias fontes, especialmente nas lendas celtas da Grã-Bretanha, e também na Irlanda. Ao líder guerreiro, descrito por Gildas no início do século VI, somaram-se outras lendas e histórias que acabaram por formar o actual mito arturiano. O seu sucesso é explicado em parte, pela psicologia, com a imagem arquetípica do ‘Rei Sacerdote’, o monarca salvador que traz prosperidade para os súbditos. O nome Artur vem da fusão dos vocábulos galeses *arth*, ‘urso’, e *gwr*, ‘herói’. Deste modo, Artur é o “Herói Urso”, um exemplo clássico do totemismo entre os celtas.²¹ Na Grã-Bretanha a mitologia celta é retratada, de igual modo, no folclore, nas histórias de fadas, como o **Capuchinho Vermelho**, na qual a menina simboliza o Sol devorado pela noite do inverno, e também em **Boadicéia**, que se tornou conhecida pela luta contra os romanos²². Persistem

¹⁹ The Story of the Irish Race. Seumas MacManus. Wings Books. Random House. 1990 edition.

²⁰ Geoffrey of Monmouth, *The History of the Kings of Britain*; tradução inglesa de Lewis Thorpe. Penguin Books: London, 1966

²¹ http://www.claudiocrow.com.br/mitos_gb.htm

²² Boadicéia era casada com o Rei dos icenos que havia feito um trato com os romanos tornando-se aliado de Roma. Com a sua morte Boadicéia assumiu a liderança de seu povo, contudo, os romanos ignoraram o testamento e o procurador Cato Deciano apropriou-se de toda a herança do rei falecido; quando os icenos protestaram contra tal abuso, na pessoa da sua Rainha viúva Boadicéia, Cato Deciano ordenou às suas tropas sufocar o protesto, e estas ultrapassaram-se no emprego da força, açoitando a rainha e violando as suas filhas. Ela ficou revoltada com o tratamento dado pelos romanos e começou uma revolta, unindo os povos próximos da sua cidade para lutar pela libertação do jugo romano. Eles chegaram a tomar e massacrar algumas cidades que estavam sob controle do império romano. Depois de algumas perdas, o exército romano se reorganizou e atraiu os rebeldes liderados por Boadicéia, em maior número, para um terreno adequado as táticas militares romanas, comandados pelo governador da Britânia, Caio Suetônio Paulino e conseguiu derrotá-los. Esta revolta foi uma das mais violentas contra o império romano. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Boadiceia>

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

costumes celtas no desporto, nas superstições, e na língua em Devon, Nortúmbria e Cúmbria. O cúmbrico ainda é falado, pelos pastores ao contar ovelhas (*Yan, Tan, Tethera, Methera, Pim*). Outro mito na Grã-Bretanha, do qual pouco se conhece, mas comprovadamente um dos mais antigos da Europa ocidental, é o de **Cernunnos, Slough Feg, o Cornífero, ou Belatucrados**, o Reluzente em Cúmbria. Parece ser o deus da fertilidade e deus dos infernos. De acordo com Neil Philip, e citando,

“os romanos associavam-no ao deus da guerra, Marte...mantém-se na crença popular como Herne, o Caçador, o cavaleiro espectral com hastes de veado, que conduz a fantasmagórica caçada selvagem através do céu.”²³

Este deus é representado de pernas cruzadas, sugerindo uma divindade indiana, Xiva no seu papel de senhor dos animais selvagens. Os dois torques que tem, um no pescoço e outro na mão direita, são sinal do seu estatuto social elevado e a cobra na mão esquerda sugere um deus de regeneração. De acordo com Juliete Wood, o nome de Cornudo Sagrado,

“ está inscrito num altar galo-romano (...) que provém de um santuários dos parísios, uma tribo gaulesa que deu o seu nome a Paris, capital de França.”²⁴

Esta imagem é semelhante à encontrada no noroeste da Índia, de 2.000 a. C., que se pensa representar a figura de **Pashupati**, senhor dos animais cercado por bestas na mitologia Hindu, originária da família dos indo-europeus.

Entre os animais sagrados conta-se o urso, o touro e o porco associados à guerra e à caça sendo o deus, na arte galo-romana, para Wood, muitas vezes retratado com um aspecto semelhante ao deus Mercúrio, embora também apareça com três rostos, representando a importância da triplicação na iconografia sagrada dos celtas.”²⁵ Esta triplicação era uma característica comum na arte e seus desenhos com padrões triplicados, nas narrativas célticas que se perpetuaram através da literatura medieval e nas divindades triplas descobertas em tribos gaulesas, e na Alemanha e Irlanda. Um dos deuses associado a este simbolismo da trindade é o de, além do deus cornudo, o do touro com três chifres e das

²³ Neil Philip, Comentar Mitos e Lendas, Ed. Civilização, 1999, tr. Maria Filomena Duarte, p. 78

²⁴ Juliete Wood, Os celtas, culturas e civilizações, 2005, Madrid, Círculo de Leitores, p.51

²⁵ Ibid, p. 28

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

três deusas ou dos três pequenos “espíritos” associados à renovação e à fecundidade, estes últimos, encontrados em Inglaterra e simbolizando a evolução natural da vida. O calendário anual britânico possuía várias festas místicas, como o **Imbolc**²⁶, comemorado a 2 de Fevereiro e o **Belthane**²⁷ a 1 de Maio, assim como celebrações dos equinócios e solstícios. Entre as divindades contavam-se **Tailtiu e Macha**, adorada na região do Ulster, as deusas da natureza e **Epona**, a deusa dos cavalos. Entre as divindades masculinas incluíam-se deuses como **Goibiniu**, o fabricante de cerveja, e **Tan Hill**, a divindade do fogo. O escritor romano Lucano faz menções a vários deuses celtas, como **Taranis, Teutates e Esus**.

Para Victor Jabouille, historiador, na cultura romana, a religião e a mitologia estão interligadas confirmando nos mitos da Lusitânia as características gerais da mitologia romana, que são, e citando,

“ materialização parca da história e principalmente da helenização das divindades e dos mitos. (...) No que se refere à mitologia pré-romana, os dados também são raros.²⁸ (...) Encontrando-se igualmente as grandes divindades divinas estrangeiras nomeadamente Mitra, Cibele, Ísis e Serápis, (...) entidades estas que, embora sejam demonstrativas de uma religiosidade de tipo iniciático, têm subjacente uma mitologia própria que, a par dos actos rituais, devia ser conhecida.”²⁹

Também subsistem teorias que nomeavam os Celtas que viviam no actual Portugal, de Lusitanos, por serem adoradores do deus Lug, que significa luz, brilhante sendo esta parte da Península, apelada de Lusitânia, terra da luz. Os Romanos traduziram Lug para a sua

²⁶ **Imbolc** ou **Oilmec** é um dos quatro festivais religiosos celtas, é também um dos oito sabbats da religião Wicca. É o festival em homenagem à deusa Brigida (Briga, Brigidh e suas variações). É quando a terra está se recuperando do inverno, e o Sol se fortalecendo para a primavera. Época de festas alegres, tochas e fogueiras, comidas condimentadas e sucos e vinhos de sabores marcantes. É comemorado tradicionalmente no dia 2 de fevereiro, no Hemisfério Norte, e 1º de agosto, no Hemisfério Sul. É também chamado de Festival da Noiva, é a época de início do processo de aragem da terra e do plantio. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imbolc>

²⁷ “**Beltane** celebra o retorno do sol (ou **Deus Sol**), e é um dos poucos festivais pagãos que sobreviveu da época pré-cristã até hoje e, em sua maior parte, na forma original. É baseado na **Floralia**, um antigo festival romano dedicado a **Flora**, a deusa sagrada das flores. Em tempos mais antigos, esse festival era dedicado a **Plutão**, o senhor romano do Submundo, correspondente do deus **Hades** da mitologia grega. O primeiro dia de maio era também aquele em que os antigos romanos queimavam olíbano e selo-de-salomão e penduravam **guirlandas de flores** diante de seus altares em honra aos espíritos guardiães que olhavam e protegiam as suas casas.” blogspot.com/2009/04/as-fogueiras-de-beltane.html Este festival ainda hoje é comemorado no Norte de Portugal sob a forma dos Maíos, grinaldas de flores sob as portas das casas para darem sorte. <http://margohappy>.

²⁸ Victor Jabouille, *Mitologia, Cultura e Arte na Lusitânia, Religiões da Lusitânia*, Loquuntur Saxa, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 275

²⁹ Victor Jabouille, *Mitologia, Cultura e Arte na Lusitânia, Religiões da Lusitânia*, Loquuntur Saxa, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 273

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

língua como lux. Então passou a ser denominada por Luxitania e os seus habitantes por luxitanos. Segundo Adolf Schulten, arqueólogo alemão do século XX, os Lígures seriam o povo original da Península e os cónios, seriam uma das tribos Lígures, em Portugal, Espanha e Europa, nos locais onde os lígures se fixaram.³⁰ Jabouille refere-se a um dos poucos mitos peninsulares, o de Gargoris e Habis, que em Portugal reporta à origem de Santarém. A lenda de Habis, ou Abidis é um mito peninsular, cuja primeira referência escrita se refere à fundação do reino de Tartessos. Diz a lenda e citando,

“ (...) que em 1215 a. C. Ulisses chegou à foz do Tejo e aqui aportou, descansando antes do regresso à Grécia. Conheceu então Calipso, filha de Gargoris, rei dos Cunetas e príncipe da Lusitânia de cuja união nasceu um filho, Abidis. Ulisses fugiu para escapar à fúria de Gargoris, mas a criança teve pior sorte e foi lançada ao rio dentro de um cesto. No entanto, a corrente levou-o para uma cerva, que o amamentou. A criança salvou-se e ali viveu até aos vinte anos, altura em que foi descoberto pela mãe. Emocionado pela resistência do neto, o avô nomeou-o seu sucessor.”³¹

Este mito recorda pela sua essência o de Rómulo e Remo, Moisés, Ciro e Atalante. Outro mito lusitano seria o do mito do vento Zéfiro, **Favónio** na mitologia romana, benfazejo³² que fecundaria as éguas tornando os cavalos invulgarmente velozes (daí a fama dos puro-sangue lusitanos). Outro mito lusitano é o de **Viriato**, que pertencia à classe dos guerreiros, sendo conhecido entre os romanos como *dux* do exército Lusitano, *adsertor* (protector) da Hispania, ou *imperator*, da confederação das tribos Lusitanas e Celtiberas. A raiz etimológica do seu nome é composta de dois elementos para Armando Silva: Viri e Athus. Viri pode derivar:

“Da raiz Indo-Europeia *uiros, "homem", relacionada com força e virilidade; Do Celta *uiro- 'homem'; e das formas mais antigas *virus*, *vir*, *viro*, *viron* das quais deriva a antiga palavra para *homem* em Irlandês;”³³

³⁰ Os **lígures** eram um povo antigo, relacionado com as construções megalíticas, que deu o nome à Ligúria, abrangendo a região norte da península da Itália, entre a Etrúria e a fronteira da Gália. Índices arqueológicos e pesquisas etnográficas relativamente recentes sugerem que os lígures estejam ligados aos lusitanos, possivelmente por partilharem uma origem comum. Tal teoria é aceita por estudiosos, como Adriano Vasco Rodrigues, que a defende na sua obra "*Os Lusitanos*". http://pt.wikipedia.org/wiki/Adolf_Schulten

³¹ <http://aventar.eu/2009/08/25/santarem-capital-do-gotico-iv/>

³² Um outro dos mitos em que Zéfiro aparece é o de “Jacinto, um belo e atlético príncipe espartano. Zéfiro enamorou-se de Jacinto e cortejou-o, tal como Apolo. Ambos competiram pelo seu amor, que veio a escolher Apolo, fazendo que Zéfiro enlouquecesse de ciúmes. Mais tarde, ao surpreendê-los praticando o lançamento do disco, Zéfiro soprou uma rajada de vento sobre eles, fazendo com que o disco golpeasse Jacinto na cabeça ao cair. Quando Jacinto morreu, Apolo criou a flor homonima com o seu sangue.” <http://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9firo>

³³ <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3871.pdf>

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

Segundo Diodoro da Sicília, Viriato, cujo mistério sobre a data ou o local do nascimento persiste, pertencia às tribos Lusitanas, do lado do oceano. Citando Diodoro,

“Enquanto ele comandava ele foi mais amado do que alguma vez alguém foi antes dele.”³⁴

Tito Lívio descreve-o como um pastor, comparado àquele que teria sido o pastor mais ilustre de todos, o rei de Roma, Rómulo. Reza a lenda que, e citando,

“Viriato dirigiu as operações militares contra os Romanos, tendo conseguido a sua vitória mais significativa em 141a.C, quando cercou o exército romano comandado pelo procônsul Fábio Máximo Serviliano em Erisane. Viriato propôs a paz, tendo sido firmado um acordo, ratificado pelo Senado Romano, no qual Fábio Máximo Serviliano, reconhecia a independência dos Lusitanos e declarava Viriato “amigo do povo romano”. Em 140a.C., o novo governador da província Ulterior, Q. Suvílio Cepião, reiniciou as hostilidades por julgar o acordo vergonhoso para os Romanos. Viriato procurou a paz junto de M. Popílio Lenate, governador da província Citerior, que lhe exigiu, a entrega de desertores romanos e reféns, entre os quais se encontraria Astolpas, seu sogro. Viriato matou-o para evitar a sua entrega ao inimigo, e a deposição de armas. (...)o chefe Lusitano rompeu as negociações, mas pressionado pelos seus companheiros, tentou um entendimento com Servílio Cepião, enviando três embaixadores, que, subornados pelos Romanos, (...) mataram Viriato enquanto dormia”.³⁵

Este chefe-guerreiro seria mais tarde imortalizado nos *Lusíadas* de Luís de Camões.³⁶

Na Península Ibérica, o que se sabe sobre a **religião** dos lusitanos derivou de inscrições do período romano, e de teólogos medievais que se manifestaram contra o paganismo de práticas cristãs e que seriam de natureza diferente a norte, mais arreigadas, e a sul do rio Tejo. Os lusitanos cultuavam **Atégina**, ou **Prosepina** para os romanos, deusa da terra, e protectora da fertilidade, Deusa Infernal, que depois renasceria. Este sincretismo religioso, de acordo com Amílcar Guerra,

“deveria produzir um enriquecimento ou uma especialização das divindades, processo que nos seus processos concretos desconhecemos”³⁷

³⁴ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Viriato>

³⁵ <http://pt.shvoong.com/humanities/history/2048704-viriato/>

³⁶ Este que vês, pastor já foi de gado /Viriato sabemos que se chama /Destro na lança mais que no cajado /Injuriada tem de Roma a fama, /Vencedor, invencível, afamado /Não tem co'ele, nem ter puderam /O primor que com Pirro já tiveram. *Os Lusíadas*, VIII, 6 http://www.forumromanum.org/literature/florus_epitome1.html

³⁷ História de Portugal, Dos tempos pré-históricos aos nossos dias, Dir. João Medina, Vol. III, p.11, Edita Ediclube, Amadora

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

Tal como **Endovélico**, Ategina, teria sido a divindade principal de uma Trindade, a sul do Tejo, juntamente com **Arenito**, Deus da Força e da Fertilidade. **Endovélico** era o mais conhecido dos Deuses Antigos da Lusitânia. Investigações recentes mostram que Endovélico está presente numa área geográfica maior do que se julgava. Leite de Vasconcelos, arqueólogo, explicou que o nome céltico *Andevellicus*, é comparado com nomes galeses e bretões, tendo o significado de “Deus Muito Bom”, o mesmo epíteto do deus irlandês Dagda sendo, de igual modo, cultuado pelos romanos como protector.³⁸ O Arcanjo Miguel assume, posteriormente, o papel de Endovélico, como patrono de Portugal. **Runesocesius**, referido como Runesus Cesium, de origem celta, significa “O Misterioso” do irlandês antigo Run-, “mistério”, e/ou de “armado de dardo”. O nome da Deusa **Bandonga**, sugere que teria havida uma identificação comum com os deuses insulares, pois Band significa em celta “ordenar” ou “proibir”, um prefixo feminino, ainda hoje usado na Irlanda. Existiu ainda o culto de **Cariocecus**, Deus da Guerra. **Sucellus**, Deus da Agricultura, das Florestas e bebidas alcoólicas, **à semelhança de Goibiniu, deus insular. Trebaruna** tornou-se conhecida pela Deusa Guerreira. Na Península Ibérica, outro culto, o das águas encontra-se muito difundido, tanto na pré-história como na época pré romana e romana. Além de ser um meio terapêutico era também mágico. Para Eduardo Amarante,

“(…). Fonte ou origem de todas as coisas, a água manifesta o transcendente e é por isso mesmo símbolo da sua vida espiritual.”³⁹

Conservam-se testemunhos do culto das águas em muitos locais da Península Ibérica. Diz José Maria Blázquez sobre o carácter transnacional deste culto:

“Nas termas de Guitiz, Lugo recebeu culto uma ninfa aquática chamada Cohvetena, venerada na Britânia; a 1 km do balneário encontrou-se um inscrição que diz R(esponu) N((uminis), expressão que indica o carácter profético desta Ninfa.”⁴⁰

³⁸ Amílcar Guerra afirma “Leite de Vasconcelos foi um dos primeiros e principais defensores desta ideia posteriormente aceite por muitos outros autores.” História de Portugal, Dos tempos pré-históricos aos nossos dias, Dir. João Medina, Vol. III, p.10, Edita Ediclube, Amadora

³⁹ Eduardo Amarante, Mitos e Lugares Mágicos de Portugal, Zéfiro, Sintra, 2008, p.127-134

⁴⁰ José Maria Blázquez, Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 24

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

Bormanico era um Deus das águas termais. O seu nome significa “faço ferver”, ou água que brota nas caldas. **Navia** ou Nabia, é uma divindade da Água, associada a rios, e outros locais como a Fonte do Ídolo em Braga onde existe, de igual modo, uma fonte dedicada a **Tongoenabiagus, deus das fontes**.

Além dos objectos de ourivesaria os lusitanos têm na estatuária dois modelos muito característicos, hipoteticamente com uma finalidade funcional, artística e religiosa: as figuras de guerreiro em pé, com escudo redondo, e os porcos ou javalis, sendo o mais conhecido, a famosa porca de Murça. Esta escultura em granito está ligada a lendas populares, de origem desconhecida. Consta a lenda que,

“(…) no século VIII esta povoação e o seu termo eram assolados por grande quantidade de ursos e javalis. Os senhores da Vila, secundados pelo povo, tantas montarias fizeram que extinguiram tão daninha fera, ou escorraçaram para muito longe. Mas, entre esta multidão de quadrúpedes, havia uma porca (outros dizem ursa) que se tinha tornado o terror dos povos pela sua monstruosa corpulência, pela sua ferocidade, e por ser tão matreira que nunca poderia ter sido morta pelos caçadores. Em 775, o Senhor de Murça, cavaleiro de grande força e não de menor coragem, decidiu matar a porca, e tais manhas empregou que o conseguiu; libertando a terra de tão incómodo hóspede.”⁴¹

Em Portugal, um achado arqueológico em Cabeço de Fráguas, Sabugal, descreve a oferenda de vários animais a diversas divindades, conjugando o alfabeto latino e a chamada língua lusitana.⁴² As suas inscrições reportam-nos a um local de sacrificio de animais, na tradição indo-europeia com referências a **Trebopala**, associadas ao teónimo védico “pala da aldeia”, e **Icona Loiminna**, associada a **Epona**. Fernando Patrício Curado parte das ideias de Georges Dumézil e, citando,

“ além da invocação de várias divindades, o mais importante na inscrição do Cabeço das Fráguas será o costume indo-europeu, de em casos idênticos, elas serem ordenadas segunda uma sequência que mantém a hierarquia teológica tripartida.”⁴³

Mas Curado, aponta também outro local mítico, o de Lamas de Moledo,⁴⁴ na região de Lamego, Orense e Barcelos onde existe um paralelo com a mitologia irlandesa onde

⁴¹ <http://terrasdeportugal.wikidot.com/porca-de-murca>

⁴² O achado arqueológico do Cabeço das Fráguas foi dado a conhecer pela primeira vez em 1943 pelo general João de Almeida e publicado em 1956 pelo investigador Adriano Vasco Rodrigues.

⁴³ Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p.72

⁴⁴RVFINVS. ET/ TIRO SCRIP/ SERVNT/ VEAMINICORI/ DOENTI/ AMVCOM (uel ANVCOM, ANCOM, ANGOM)/ LAMATICOM (uel - GOM)/ CROVGAI MAGA/ REAICOI. PETRANIOI (uel PETRAVIOI) . T(uel R)/ ADOM . PORGOM IOVEA/. CAIELOBRIGOI

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

Crundchu, um agricultor, foi um dos maridos de Macha, deusa irlandesa. Para Curado estas inscrições remetem para a divindade **Crovgeai**, que vela pela fecundidade e saúde,

“ Ali na terra do Deus Lug, também existe a caverna de Cruage, que serve de passagem para o outro mundo. Tratar-se-á, portanto de uma divindade ctónica.”⁴⁵

De acordo com este autor, estamos na presença de uma região da Lusitânia, que seria etnicamente homogénea e culturalmente próxima das gentes da Irlanda e de outras civilizações,

“Se Crouga aproxima culturalmente as populações indígenas das regiões de Viseu e Orense, ligando-as também à céltica Ilha Sagrada” da Irlanda, a verdade é que entre as populações dos territórios interiores mais meridionais existiria uma homogeneidade e algo as ligava, na sua mitologia, com outras regiões mediterrâneas e indo-iranianas.”⁴⁶

Há muitas questões que devem ser levantadas sobre uma origem comum destas populações e citando Curado,

“ São assim tantas as divindades indígenas na Península Ibérica ou integrando-se numa ideologia funcional tripartida, apenas variam as designações entre populações embora partindo de um tronco comum (...)?”⁴⁷

Para mim, essa ligação, esse tronco comum mitológico com outras regiões insulares e indo-iranianas existiu e perdurou. A sua pertinência histórica e mitológica deve ser amplamente estudada como objecto de interesse científico. Além do mais, a consciência mítica encontra-se no auge, nunca se discutiu tanto a mitologia e os mistérios dos celtas e das civilizações, ditas primitivas, dando azo a especulações, ainda assim, susceptíveis de nos fascinarem e atraírem. O mito é uma narrativa que satisfaz as necessidades religiosas, morais, do nosso tempo. Termina com Mircea Eliade,

“ O mito é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é, absolutamente, uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática.”⁴⁸

Não esqueçamos pois a mitologia do passado, sob perigo de estarmos a negar o nosso futuro.

⁴⁵idem, p.74

⁴⁶ Idem, p. 75

⁴⁷ Idem, p. 76

⁴⁸ <http://www.mundodosfilosofos.com.br/mito.htm>

Bibliografia

- Amarante, Eduardo, 2008, Mitos e Lugares Mágicos de Portugal, Zéfiro, Sintra,
- Blázquez, José Maria, 2002, Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
- Ferreira, José Ribeiro, 2008, Mitos das Origens, Rios e Raízes, Col. Fluir Perene (Ed. Do autor), tiragem 150 livros, Coimbra
- Jabouille, Victor, 2002, Mitologia, Cultura e Arte na Lusitânia, Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa,
- Philip, Neil, 1999, Comentar Mitos e Lendas, Ed. Civilização, tr. Maria Filomena Duarte,
- Wood, Juliete, 2005, Os celtas, culturas e civilizações, Madrid, Círculo de Leitores
- História de Portugal, Dos tempos pré-históricos aos nossos dias, dir. João Medina, Vol. III, p.10, Edita Ediclube, Amadora

Bibliografia digital

- <http://aventar.eu/2009/08/25/santarem-capital-do-gotico-iv/>
- http://en.wikipedia.org/wiki/Bryan_Sykes
- http://www.bradshawfoundation.com/stephenoppenheimer/origins_of_the_british.html
- http://www.claudiocrow.com.br/mitos_gb.htm
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Celtas>
- <http://imperialromano-marius70.blogspot.com/2005/07/lusitnia-estrabo.html>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Celtas>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lusitanos>.
- Heródoto, v, 49 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Celtas>
- Heródoto, II, 33 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Celtas>
- http://en.wikipedia.org/wiki/Bryan_Sykes
- http://www.bradshawfoundation.com/stephenoppenheimer/origins_of_the_british.htm¹

Monteiro, Maria Goreti, **Mitos e religião celta na Península Ibérica e na Grã – Bretanha: uma origem comum?**

<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa-ao/Celtas>

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/mito.htm>